

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Silviano Santiago: crítica, literatura e o Brasil negro

Roniere Silva Menezes

<https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260008>

Submetido em: 2026-10-16

Postado em: 2026-10-16 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

10.1590/2596-304x202628e20260008

Dossiê

Silviano Santiago: crítica, literatura e o Brasil negro
Silviano Santiago: Criticism, Literature, and Black Brazil

Roniere Silva Menezes

<https://orcid.org/0000-0002-9490-9658>

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET), Belo Horizonte, MG, Brasil.

roniere.menezes@gmail.com

Submissão: 22/08/2026

Aceite: 27/09/2026

Declaração de disponibilidade de dados de pesquisa:

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Declaração de conflito de interesses:

Os autores declaram não haver conflito de interesse.

Declaração de uso de Inteligência Artificial:

Não foi usada Inteligência Artificial.

Editor-Chefe: Andrei dos Santos Cunha

Editor Executivo: Anderson Bastos Martins

Editoras Associadas: Germana Henriques Pereira; Rachel Esteves Lima

RESUMO

Este trabalho configura-se como uma apresentação panorâmica a respeito da importância de parte da produção de Silviano Santiago relativa à voz, à arte, à subjetividade, à sabedoria e aos corpos negros. A discriminação racial, o preconceito, o racismo e também o talento, a cultura e a linguagem literária de autores negros não se constituem como foco central das pesquisas do intelectual, mas estão sempre presentes, de forma reflexiva, nos

escritos do intelectual. A discussão revela-se bastante rica para uma compreensão mais ampla a respeito da produção do crítico, do lugar do Brasil do sistema-mundo e da singularidade da temática negra na sociedade, na cultura e na criação artístico-literária do país.

PALAVRAS-CHAVE: Silviano Santiago; crítica; literatura; cultura afro-brasileira.

ABSTRACT

This study offers a panoramic overview of the significance of a portion of Silviano Santiago's work concerning the Black voice, art, subjectivity, wisdom, and body. While racial discrimination, prejudice, and racism—as well as the talent, culture, and literary language of Black authors—do not constitute the central focus of this intellectual's research, they are nonetheless ever-present, in a reflective manner, throughout his writings. This discussion proves highly valuable for a broader understanding of the critic's work, Brazil's position within the world-system, and the unique nature of Black themes within the country's society, culture, and artistic-literary creation.

KEYWORDS: Silviano Santiago; criticism; literature; Afro-Brazilian culture.

Descoberta do mundo

Almejamos, com este ensaio, refletir tanto sobre passagens menores de alguns ensaios quanto sobre prefácios e ensaios mais extensos em que a temática pós-colonial/decolonial, as investigações sobre memória, modernismo e atualidade trazem requintadas observações a respeito do lugar do homem negro e da mulher negra na história nacional, e também sobre as peculiaridades da linguagem dos autores estudados. Nas análises de Silviano a respeito do Brasil e da América Latina, a temática negra aparece como sintoma de um mal-estar do país e do continente diante de seu povo. Mesmo com um bom painel, não objetivamos elencar todos os textos ou trechos de produções do intelectual que abordam a temática afro-brasileira ou artistas, poetas e escritores negros. Visamos, antes, apresentar produções marcantes e levantar pontos que podem contribuir para estudos futuros. Nesse sentido, este trabalho revela-se, já de início, como inacabado, aberto a novos olhares e críticas.

O ensaio pode ser pensado como um passeio por uma exposição realizada em forma de um panorama a respeito da presença de imagens afro-brasileiras na produção de

Silviano Santiago. Nosso papel lembra, portanto, o de um curador que seleciona materiais representativos da temática tratada e estabelece pequenas reflexões visando à importância do visitante/leitor na elaboração de novos pensamentos sobre o assunto. A montagem dos textos da exposição foi feita a partir da ordem cronológica das datas de publicação dos mesmos. Apenas na parte final, quando serão avaliados autores mineiros estudados por Silviano, invertamos o eixo, buscando a linha histórica das produções, dos períodos e movimentos artístico-literários a que pertenceram. Os textos da exposição lembram uma coleção em que, a partir da noção de “iconologia dos intervalos”, de Aby Warburg, vão criando interações entre si e confirmando a importância da ideia de montagem para uma compreensão mais aberta e plural de certos objetos. Como se sabe, muitos ensaios de Silviano retomam passagens de produções anteriores, trazendo, dessa forma, a noção de assinatura, de estilo a seus textos, assim como na obra de alguns compositores notamos a retomada de certas linhas melódicas de músicas anteriores. Essa inscrição, essa repetição com diferença de alguns trechos, afirma os interesses centrais do pensamento do crítico-inventor brasileiro. Um texto, mesmo ao retomar em alguns pontos discussões anteriores, sempre as complementa, ou melhor, as suplementa.

Eneida Maria de Souza dedica seu importante livro *Crítica cult*, ao mestre e amigo: “Para Silviano, o mais sábio dos cults.” (Souza, 2002, p. 7) Acrescentaria eu que Silviano também pode ser lido, enquanto crítico e ensaísta, como “o mais contemporâneo dos contemporâneos”, levando em consideração as inquietações do mestre diante de certo tom acomodado e conformado de determinada crítica que evita desafinar o coro dos contentes. Assim, amplia os tipos de textos a serem estudados, deslocando-se da visão imanentista da criação literária ligada às “altas literaturas” e procura atualizar critérios investigativos, inclusive despertando a ferocidade presente em nossas obras mais singulares.

Em *Corpos escritos*, o professor e ensaísta Wander Miranda assinala que, no projeto literário de Silviano, “escrita e leitura são atos simultâneos e coincidentes (Miranda, 1992, p. 59)”. Creio que podemos complementar o trecho dizendo que, em Silviano, escrita, leitura e posição ético-política diante do mundo e da vida tornam-se também coincidentes.

Não é nosso interesse neste ensaio analisar a obra ficcional de Silviano. Gostaríamos, contudo, de lembrar que, assim como acontece na obra memorialística de Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Pedro Nava e Ciro dos Anjos, para ficarmos entre os mineiros, o escritor de Formiga não se esquece da figura de Etelvina,

empregada doméstica negra que trabalhava na casa da família interiorana e aparece como personagem dos livros *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina* (1978), *Uma história de família* (1992) e *Menino sem passado* (2021).

Além do contato infantil com a figura negra que trabalhava em sua residência, da própria experiência das injustiças e preconceitos presenciados no cotidiano brasileiro, o trabalho como professor nos Estados Unidos acentuou no crítico uma forte percepção a respeito dos direitos das minorias. Na biblioteca da Universidade do Novo México, na cidade de Albuquerque, toma contato, assim que chega à escola, em 1962, com o livro *A conversão do gentio*, do escritor paraense Mecenas Dourado: “A leitura foi importante para que eu começasse a ter noção do Outro. Com ele me dei conta da violência da catequese, da colonização (Barile, 2025, p. 171)”. Em entrevista a João Pombo Barile, Silviano diz que havia longos períodos de férias e aproveitava para viajar pelo México. Levava na mochila o livro *Los tarahumaras*, de Antonin Artaud, livro que trata da viagem de Artaud ao México, em 1936, quando conviveu com os tarahumaras, grupo indígena conhecido por correr várias distâncias. Já se nota aí a relação impura entre leituras e vivências, o que pode ter contribuído, para mais tarde – inclusive pela ampliação de leituras de Jorge Luís Borges e de intelectuais brasileiros e influenciado por Jacques Derrida – a elaboração de conceitos como “entre-lugar”, “literatura anfíbia”, “impureza”, “hibridez”, “heterogeneidade” e “mestiçagem”, que auxiliam o crítico a pensar, de forma não binária, o lugar diferencial do Brasil e toda a América Latina no “concerto das nações”. De acordo com Silviano:

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de *unidade e pureza*: estes dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo (Santiago, 2000, p. 15-16).

Silviano não viajaria apenas para o México. Visita amigos em New Orleans, onde conhece o sentido do termo “segregação”. Além do racismo frente aos negros, os latinos também eram ignorados. Além de banheiros separados para brancos e negros, havia até cafeterias diferentes para brancos ou negros e latinos. Silviano já havia visto o preconceito contra os árabes, um pouco antes, quando lecionava na França. Mas nos Estados Unidos

sentiu bem de perto o imenso *apartheid* daquela sociedade. Fato que irá diminuir um pouco apenas a partir de 1964, com a Lei dos Direitos Humanos: “Quando cheguei aos Estados Unidos, o negro era *second-class citizen*, não tinha nem direito ao voto”. (Barile, 2025, p. 173). Também em Albuquerque, a “praga” do preconceito era grande. No fundo dos restaurantes, havia uma pequena abertura por onde os negros podiam pegar a comida e levar para comer em casa. Nos melhores restaurantes, os negros nem podiam entrar pois não seriam servidos: “Na medida em que era também imigrante, e ainda não falava bem o inglês, me sentia inserido naquele universo da minoria”. (Barile, 2015, p. 173)

Corpos e saberes negros: civilizações

Entre viagens, experiências, estudos, vai sendo gerado o potente intelectual que se preocupa com a escritura, pensando em Roland Barthes, com o espaço brasileiro, latino e cosmopolita, com as formas de vida social estabelecidas no Brasil desde a colonização e que deixaram sua sombra por séculos entre nós. O desassossego de Silviano em relação à sua posição enquanto pensador de um país situado na periferia do mundo ocidental faz com que observe de maneira ímpar tanto as produções artístico-intelectuais quanto os projetos políticos autoritários, tanto os gestos de violência e declarado racismo, quanto os modos disfarçados de “cordialidade” e de “democracia racial” que definem em muito a identidade nacional.

Em “Apesar de dependente, universal”, de *Vale quanto pesa*, livro de 1982, Silviano assinala que as descobertas marítimas e a ocupação das terras pelos europeus contribuíram não apenas para ampliar as fronteiras espaciais e econômicas europeias, mas também para fazer com que a história da Europa se tornasse a História universal. Estabelece-se, portanto, um processo de uniformização das distintas civilizações mundiais a partir da ideia de ocidentalização. Esta passa a comandar os projetos sociais, políticos e econômicos instituídos no Novo Mundo. A classe dominante figura como portadora do discurso cultural europeizante, assimilando continuamente, de modo “cordial”, a diferença negra e indígena. Santiago afirma:

A cultura oficial assimila o outro, não há dúvida; mas, ao assimilá-lo, recalca, *hierarquicamente*, os valores autóctones ou negros que com ela entram em embate. No Brasil, o problema do índio e do negro, antes de ser a questão do silêncio, é a da hierarquização de valores (Santiago, 1982, p. 17).

No desenvolvimento de seus argumentos, o crítico refuta o ufanismo e endossa a impossibilidade de haver, no Brasil, um pensamento autóctone autossuficiente, distante de contatos “alienígenas”. Nesse sentido, trata de três antídotos elaborados no país desde o modernismo. Em primeiro lugar, viria o conceito de “antropofagia cultural”, proposto por Oswald de Andrade, visando a incorporar a produção local ao espaço global. Em segundo, estaria a noção de “traição da memória”, elaborada por Mário de Andrade a partir de pesquisas ligadas à cultura popular, principalmente musical, quando a ~~criação~~ produção artística se faz por meio óticas diferenciais brasileiras, realizadas por meio de jogos e montagens. A criação seria um lembrar pervertido, a inserção da novidade entre o esquecimento e distorção de saberes formais. Por último, entraria a proposta de um “corte radical” contido em sucessivos movimentos vanguardistas nacionais e presente, por exemplo, no plano estético do grupo concreto paulista. Segundo o pensador:

Em todos os três casos não se faz de conta que a dependência não existe, pelo contrário frisa-se a sua inevitabilidade; não se escamoteia a dívida para com as culturas dominantes, pelo contrário enfatiza-se a sua força coercitiva; não se contenta com a visão gloriosa do autóctone e do negro, mas se busca a inserção diferencial deles na totalização universal. Ao mesmo tempo, não se deixa perder no limbo das elucubrações etnocêntricas a possível originalidade do produto criado. A hierarquização pelos critérios de “atraso” e de “originalidade” cai subitamente por terra, pois se subvertem esses valores (Santiago, 1982, p. 22).

Devemos frisar que o critério corrói a ideia de originalidade e cópia desconstruindo o critério avaliativo temporal, ligado à noção de que a criação primeira seria dotada de maior prestígio que aquela feita em período posterior. Silviano deixa de lado a perspectiva cronológica e assume a espacial – inclusive em diálogo com o pensamento de montagem de Aby Warburg – onde produções de diversos países, de épocas distintas, são colocadas sobre a mesa e os sentidos surgem pelas combinações às vezes inesperadas. Assim, a invenção brasileira, como a Poesia Concreta, a obra de Guimarães Rosa, a Bossa Nova, as criações de Lígia Clark ou de Hélio Oiticica poderiam dar uma resposta local frente a produções culturais estrangeiras dominantes no cenário global.

Em “Por que e para que viaja o europeu?” capítulo do livro *Nas malhas da letra*, com primeira edição em 1988, nosso mestre, discutindo a respeito dos reais motivos, muitas vezes ocultos, das viagens dos europeus, no período das grandes navegações, ao Novo Mundo, observa que o navegador, metamorfoseado em colonizador, pelo valor dado à travessia, não poderia mais trabalhar. Se trabalhar na terra tivesse valor nobre, ele

teria ficado na terra natal. Esse homem viajou porque julgava o trabalho sedentário aviltante e passível de ser realizado apenas por aqueles que foram sucumbidos à sua força, isso é, os vencidos. Escreve Silviano:

A escravidão negra – no código do aventureiro e exclusivamente sob esta perspectiva – se justifica pela supremacia da coragem e da aventura, pela “vitória” do europeu sobre seu Outro. (...) O aviltamento da condição humana pela escravidão é consequência da “derrota”, e o mero trabalho sedentário na lavoura já é o “pagamento” ao senhor (Santiago, 2002a, p. 230).

Continuando a discussão, lembramo-nos de “Sobre plataformas e testamentos”. O texto saiu, inicialmente, como prefácio de *Ponta de lança*, de Oswald de Andrade, em edição da Editora Globo, de 1991. Posteriormente, foi publicado em *Ora (direis) puxar conversa!*, Editora UFMG, 2006. No ensaio, lemos que Oswald toma contato com a situação do negro nas Américas, no período inicial da Segunda Guerra, por meio das “íliadas negras” escritas por Jorge Amado:

Nas Américas, a questão do negro, combatente e cidadão de segunda categoria, é uma pedra no sapato da democracia norte-americana e das forças aliadas. A escravidão negra tinha deixado feridas profundas e incuráveis na maioria das nações do Novo Mundo e, em particular, nos Estados Unidos e no Brasil. Lá, na democracia americana, o negro ainda é um *cidadão* diferente, pois carece de muitos de seus direitos; aqui, é a expressão mais miserável do *lumpen*. O racismo era e é basicamente negro nos Estados Unidos e no Brasil. Lá, com intolerantes grupos de extermínio como a Ku Klux Klan. Entre nós, estudos recentes como os hoje clássicos de Gilberto Freyre, defendem a possibilidade de existir nos trópicos não um preconceito racial, mas social, já que somos todos *mulatos* (Santiago, 2006, p. 123).

Em seus artigos jornalísticos dos anos 1940, Oswald enfatiza a preocupação com a temática do negro, deixando para trás o interesse pela questão indígena, presente em suas publicações e projetos anteriores. A ideologia nazifascista amplia a compreensão do poeta paulista a respeito da intolerância diante do outro. Mas Oswald termina por revelar certo otimismo ingênuo frente à importância do “mulato” e do negro brasileiro em relação ao negro norte-americano:

as ideias de Oswald indicariam que a vitória do Norte (civilização urbano-industrial) fez do ex-escravo negro norte americano um operário vítima do hediondo preconceito e sem direitos civis; a vitória do Sul (civilização agrário feudal) fez do ex-escravo brasileiro um pária com possibilidade de ascensão social (Santiago, 2006, p. 126).

Influenciado pelos heroicos personagens negros de Jorge Amado, e também pela ideia de “democracia racial” imaginada por Gilberto Freyre, Oswald acreditava que, nos

Estados Unidos, o racismo levava o negro a ser invisível no mercado de trabalho. No Brasil, haveria a fraternidade que abriria portas para que o negro fosse incorporado ao trabalho sem os problemas da cor. O tempo e a história social, política e econômica do país iriam desmentir o poeta e também muitos intelectuais norte-americanos que imaginavam existir, no Brasil, uma congregação interracial capaz de oferecer novos modos de vida em sociedade ao mundo.

Cumprir lembrar que na série “Poemas da colonização”, de *Pau-Brasil*, de 1925, Oswald já trazia poemas relativos à imagem de negros e negras, como em “Medo da senhora”: “A escrava pegou a filhinha nascida/ Nas costas/ E se atirou no Paraíba/ Para que a criança não fosse judiada (Andrade, 1990, p. 87)”.

Em “Oswald: elogio da tolerância racial” – texto publicado originalmente em 1992, na *Revista de Crítica de Ciências Sociais*, em Portugal, e republicado em *Ora (Direis) puxar conversa!*, de 2006 –, Silviano continua a desenvolver as teses presentes em “Sobre plataformas e testamentos”. O intelectual elogia a postura aberta de Oswald em relação à contribuição indígena e africana para a cultura brasileira e critica várias espécies de reducionismos ligados à razão moderna etnocêntrica, intolerante frente ao seu *outro*. Este é colocado sempre em situação inferior, tornando-se responsável pelas contaminações negativas em relação à “pureza” ocidental. Segundo Silviano, essa forma de reducionismo despreza o saber antropológico pois qualquer espécie de contribuição vinda de conhecimentos de negros e indígenas torna-se desqualificada, ligada a delírio ufanista, nunca era vista como parceira na elaboração de discursos mais inclusivos frente à História. Nessa linha de pensamento redutor, o crítico mineiro elenca Machado de Assis – em sua posição contra os saberes indígenas –, Graça Aranha, Caio Prado Jr. e Jünger Habermas. Este, defensor da modernidade eurocêntrica, relata que, na pós-modernidade, a memória histórica é substituída pela relação heroica do tempo presente com o que está nos extremos da história: “um sentido do tempo no qual a decadência se reconhece de imediato no bárbaro, no selvagem e no primitivo (Santiago, 2006, p. 142)”.

Oswald, em 1942, ano em que o modernismo completava 20 anos e o Brasil entrava na Segunda Guerra, diante de uma pergunta da revista *Diretrizes* sobre o que se deveria fazer com a Alemanha nazista após a guerra, responde:

Esfolar inteira? Comunizar? (...) Dá-la aos judeus? – Não! É preciso alfabetizar esse monstro. Há dentro dela um raio esquivo de luz. E o do seu Humanismo. E o que vem de Goethe e através de Heine produz Thomas Mann. A Alemanha racista, purista e recordista precisa ser educada pelo nosso

mulato, pelo chinês, pelo índio mais atrasado do Peru ou do México, pelo africano do Sudão. E precisa ser misturada de uma vez para sempre. Precisa ser desfeita no *melting* do futuro. Precisa mulatizar-se (Andrade, 1972, p. 62).

Em 2002, o crítico e escritor mineiro coordena, seleciona textos e escreve o prefácio da coleção, em três volumes, de *Intérpretes do Brasil*. No prefácio, podemos ler, quando trata do livro *O abolicionismo*, de Joaquim Nabuco:

Na sua época, Joaquim Nabuco é o mais sensível dos estadistas brasileiros ao sentido corruptor do atraso nacional, assinalando sem meias-palavras sua causa maior: a escravidão negra. No exílio em Londres, acusa de maneira peremptória os brasileiros: “Não basta não possuir escravos, para não se ter parte no crime. [...] Os brasileiros são todos responsáveis pela escravidão [...] porque a consentem (Santiago, 2002, p. XLIV).

Silviano escreve ainda a introdução ao livro *O abolicionismo*, na coleção *Intérpretes do Brasil*. Para o trabalho, traduz, reelabora e condensa o texto *Un Estadista del Imperio y Outros textos*, de Francisco Iglésias, publicado pela biblioteca Ayacucho, na Venezuela. Iglésias havia ficado responsável pela introdução do livro de Nabuco, mas como falecera, Silvano retoma o texto anterior do intelectual e incumbe-se de escrever o prefácio como uma espécie de *ghost-writer* do amigo mineiro, dando assim sobrevivência às ideias do historiador sobre o político, diplomata e abolicionista. O texto leva a assinatura de Francisco Iglésias. Importante assinalar que Silvano diz que Francisco Iglésias chamava-lhe a atenção devido ao fato de se importar muito com análises de cunho estético. Observava ser esta importante, mas era fundamental também contextualizar as investigações. Silvano, com seus aprendizados em leituras, em conversas, em convivências cotidianas vai se firmando como grande intérprete do Brasil, mesclando sempre equilibrar o aspecto estético, cultural com o histórico-social.

Em “Atração do mundo”, texto publicado na Revista *Margens/Márgenes*, em 2002, e posteriormente em *O cosmopolitismo do pobre*, de 2004, o crítico assinala a importância do modernismo brasileiro para que fosse trazida à tona, sem recalque, a importância do índio e do negro brasileiro. Lembra da carta de Mário de Andrade a Drummond em que, ao criticar certa postura eurocêntrica de Joaquim Nabuco, o paulista sublinha: “Os tupis nas suas tabas eram mais civilizados que nós nas nossas casas de Belo Horizonte e S. Paulo. Por uma simples razão: não há civilização. Há civilizações. (Santiago, 2004, p. 26)”. O trecho de Mário revela-se instigante na crítica tanto à noção de universal quanto ao mimetismo que a classe dominante e a arte elitista do Brasil desenvolvia, decalcando-

se em produções europeias. Mário propõe a torção. As perspectivas, os saberes, os fazeres, as criações são diversos, e seria importante a descoberta/invenção de uma orientação brasileira, um traço nacional que fizesse com que o país pudesse se expressar de modo singular no chamado “concerto das nações”. Questão que nos últimos anos Silviano retomará discutindo, a partir de Hélio Oiticica, a premência de se pensar modos de inserção da linguagem-Brasil no contexto universal, alterando, assim, o termo “formação”, tão presente em obras de intérpretes do Brasil, por “inserção”. Ponto este que será retomado adiante.

Voltando ao modernismo, Silviano convoca Mário de Andrade, que declarava ser certa aparência de primitivismo do modernismo no Brasil oriundo da coragem com que os artistas e escritores tiveram de enfrentar a própria ingenuidade. Convida também Antonio Candido para reforçar seus argumentos quando, em *Literatura e sociedade*, o crítico paulista aponta que, a partir das propostas modernistas, “o mulato e o negro são definitivamente incorporados como temas de estudo, inspiração e exemplo. O primitivismo [como acontecia com as vanguardas europeias] é agora fonte de beleza e não mais empecilho à elaboração da cultura (Santiago, 2004, p. 27)”.

Continuando suas reflexões, o crítico mineiro desenvolve agudos argumentos sobre a identidade nacional, sobre o lugar e a presença/ausência do negro em estudos desenvolvidos, entre outros, por Machado de Assis (“Instinto de nacionalidade”), Caio Prado Jr. (*Formação do Brasil contemporâneo*), Roberto Schwarcz (“As ideias fora do lugar”), e Antonio Candido (“Dialética da malandragem”), e traz a discussão para a contemporaneidade ao salientar os laços internacionais das lutas das minorias brasileiras da atualidade:

Apesar de a política de identidade cultural ter surgido no Brasil como pequenos casulos que pipocam no cotidiano das grandes cidades, cada um dos movimentos inspirados por ela mantém, dentro da sua própria economia restrita de atuação, alianças poderosas com grupos cosmopolitas semelhantes, em geral situados nos Estados Unidos e na Europa (Santiago, 2004, p. 40).

Desse modo, percebe-se, no país de tradição autoritária, a configuração de alianças cosmopolitas por uma visão política cidadina e internacional bastante diversa do esquema tradicional imposto pelas elites brancas do país, essas também cosmopolitas.

No ensaio intitulado “Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil”, de 2005, Silviano escreve que para os três modernistas, “Andrades” de famílias distintas, interpretar a nação constituía-se como uma prática cotidiana, contínua e destemida.

Interpretar o país era para eles uma tarefa diária, compulsiva, diletante e assim deveria continuar, pois cada um de nós tem o seu modo singular de interpretar a terra onde vive.

Os modernistas expulsam, de modo autoritário, Graça Aranha do seletor grupo modernista. Segundo Silviano, o gesto se justifica, pois Aranha mostrava-se um mal intérprete do país. Era preconceituoso tanto em relação à contribuição dos indígenas quanto dos negros para a cultura nacional. Não se mostrava capaz de compreender os saberes do povo comum do país que, devido a questões econômico-sociais, era em boa parte analfabeto. O olhar dele para o “caldo de etnias” que fundamenta a cultura brasileira era tomado por uma perspectiva europeia limitada, superficial e elitista. Compunha-se como personagem oposto de Tarsila do Amaral, modelo para os três poetas, que conseguia aclimatar o primitivismo das vanguardas europeias à realidade artística do país, inclusive valorizando a contribuição dos negros para o barroco mineiro. De acordo com Silviano:

Por paradoxal que possa parecer, foi o desvio pelo primitivismo cubista, de Picasso e tantos outros, que despertou nosso interesse e nos fez enxergar melhor o passado cultural brasileiro. Lá da Europa, através da admiração que os pintores e escultores cubistas expressavam pela arte africana, vieram os olhos que nos deixaram enxergar sem preconceitos elitistas as obras-primas barrocas, escombros da Vila Rica de Ouro Preto. (...) Africanos lá e mulatos autodidatas aqui levavam os intelectuais eruditos a um questionamento radical dos princípios pictóricos estabelecidos pelo Renascimento (Santiago, 2005, p. 9).

O crítico observa que, no processo de aperfeiçoamento da criação artística brasileira, devemos levar em conta não apenas as propostas vindas do progresso evolutivo da modernidade ocidental, mas também os desvios proporcionados por nossos artistas populares negros e mulatos. Enfatiza ainda o fato de que “abrasileirar-se” não significava ser xenófobo.

O texto aponta a importância da reflexão sobre a fala brasileira – presente, por exemplo, no poema “Evocação de Recife”, de Manuel Bandeira – para uma definição tropical da língua portuguesa utilizada pelas classes populares: “A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros/ Vinha da boca do povo na língua errada do povo/ Língua certa do povo (Bandeira, 1978, p. 72)”.

Silviano, assim, recupera o conceito mariodeandradeano de “sabença”, colocando-o em lugar acima da antropofagia oswaldiana na concepção de uma verdadeira interpretação do país. Recuperando Mário, para quem “o difícil é saber saber”, detalha o crítico:

Como saber saber, num país de maioria analfabeta, de herança indígena vilipendiada pelos colonizadores, onde a contribuição da cultura negra é negada em praça pública pelos intolerantes e preconceituosos; como saber saber num país onde a ideia de herança e de tradição não é estudada e questionada e, muito menos, valorizada, é antes rejeitada a priori? Dadas todas essas circunstâncias, saber saber é a estratégia cultural de que se valem os artistas modernistas para chegar à sabença. É a maior lição que nos legaram para que cheguemos à interpretação democrática do país e dos brasileiros (Santiago, 2005, p. 10).

Em carta a Carlos Drummond, em 10 de novembro de 1924, Mário sinaliza que o jovem artista que almeja conhecer verdadeiramente o Brasil e os brasileiros não deveria se inspirar em Graça Aranha, Anatole France ou Joaquim Nabuco. A lição, vinda do amigo paulista, está na atenção que o poeta mineiro deveria dar às pessoas simples que encontra pelas ruas e na jovem negra que dançava brilhantemente na Avenida Rio Branco, ladeada por outros negros que dançavam de modo absorto, burocrático. Essa descrição refere-se à gênese do poema “Carnaval carioca”, de 1923, incluído no livro *Clã do Jabuti*, de 1927:

Mas havia uma negra moça que dançava melhor do que os outros. Os jeitos eram os mesmos, mesma habilidade, mesma sensualidade, mas ela era melhor. Só porque os outros faziam aquilo um pouco decorado, maquinizado, olhando o povo em volta deles, um automóvel que passava. Ela, não. Dançava com religião. Não olhava pra lado nenhum. Vivia a dança. E era sublime. Este é um caso em que tenho pensado muitas vezes. Aquela negra me ensinou o que milhões, milhões é exagero, muitos livros não me ensinaram. Ela me ensinou a felicidade (Andrade, 2002, p. 48-50).

A dançarina vivia seu papel com simplicidade, entrega, talento. Não fazia decorado, mas de forma sublime. A negra, na dança, sabia “fazer melhor”, tinha talento. Ela herdara a tradição cultural da dança, mas acomodara-a à sua sensualidade afro-brasileira, metaforizando, assim, a proposição artística elaborada pelos modernistas.

As raízes e o labirinto da América Latina, de 2006, revela-se importante estudo comparado entre dois grandes pensadores do continente: Sérgio Buarque de Holanda e Octávio Paz, partindo do estudo de *Raízes do Brasil* e *O labirinto da solidão*. O livro leva adiante questionamentos críticos presentes em *O cosmopolitismo do pobre* e *Ora (direis) puxar conversa!*. Trataremos brevemente da parte referente à análise sobre *Raízes do Brasil*. O livro não aborda a fundo a complexidade da temática da escravidão e o lugar do homem e da mulher negros no país, inclusive, segundo Silviano, devido ao fato de Sérgio – bastante elogiado pelo crítico – não comungar com os ideais de seus contemporâneos modernistas e apresentar-se à cena cultural brasileira “como um típico cosmopolita das

margens” (Santiago, 2006, p. 245). Por outro lado, a leitura realizada por Silviano evidencia o trabalho de um comprometido e competente pensador, o que se verifica, por exemplo, pelo conceito de “cordialidade”, lido pelo crítico pela chave derridiana do *indecidível*:

Segundo Sérgio, a cordialidade pode expressar tanto a amizade quanto a inimizade, tanto a concórdia quanto a discórdia quanto a discórdia. Por ser ambivalente, a cordialidade nunca significa polidez; tem, no entanto e paradoxalmente, de significá-la para que seja possível o convívio social entre brasileiros e entre brasileiros e estrangeiros (Santiago, 2006, p. 243).

Silviano conclui a passagem afirmando que, para Sérgio, a comunidade nacional e cosmopolita que tanto intrigava o historiador não se definia como grupo de indivíduos ferozes e/ou bondosos. O homem brasileiro buscava equilibrar estranhamente os dois polos, sendo paradoxalmente – às vezes com fingimentos, ou autoengano – bem e mal ao mesmo tempo, isto é, “cordial”.

O texto amplia um debate já presente em outros textos do crítico mineiro relativos à relação entre a noção de “cordialidade” de Sérgio, e a de “democracia racial”, de Gilberto Freyre, o que favorece ricas abordagens sobre o caráter nacional.

O entre-lugar via Jorge Luís Borges e Lélia Gonzalez

Nesta parte de nosso ensaio, voltamos à ideia de autobiografia, presente no início desse texto e assumida por Silviano em diversos de seus trabalhos, como *Em liberdade*, *Machado* e produções ficcionais. Iremos abordar “A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial – um depoimento”, conferência proferida no Poslit-UFMG, como aula inaugural, em março de 2015, e publicada no site da BVPS, em 2023.

Em certo momento da conferência, o autor trata das consequências de um duplo descarrilhamento ocorrido em sua vida intelectual. A primeira, refere-se ao período entre 1962, quando viaja de Paris a Albuquerque, e 1972, quando retoma suas atividades acadêmicas no Brasil. Essa época marca-se pelo abandono gradativo da noção de literatura, pensada como *belles lettres*, e o interesse cada vez maior pela noção de cultura. Visando a desconstruir a perspectiva disciplinar de literatura, ligada ao ensino dos estilos de época então em voga nas Faculdades de Letras, Silviano, de modo indisciplinar, interessa-se pela busca de uma outra e anterior noção de “formação”: a dos discursos

culturais identitários. Sublinha que, neste sentido, as *belles lettres* figuram apenas como a parcela mais nobre e sublime. Tal empreendimento partia tanto dos ensinamentos recebidos por meio da leitura apaixonada de contos de Jorge Luís Borges quanto das leituras de textos da intelectual Lélia Gonzalez, sua colega no Departamento de Sociologia na PUC-Rio, com quem conversava bastante:

O argentino me exige o colarinho-branco e a brasileira o despe. De um lado, a sofisticação dos ensinamentos literários que Borges nos transmite através de seus contos assombrosos e, do outro, o pé no chão da África que o Brasil de norte a sul traz como traço identitário envergonhado e cordial (Santiago, 2023, s/p).

O conto “Pierre Menard, autor de Quixote” contribui para a escrita de “Eça, autor de Madame Bovary”. Corrompe, assim, as ideias eurocêtricas de “fonte” e “influência”, que privilegiam as produções artístico-culturais dos países colonizadores. Surge, na época, o interesse em introduzir nos estudos de literatura comparada a noção de “entrelugar da literatura latino-americana”. O ensaio em que aparece o conceito é escrito em 1972 e posteriormente publicado em *Uma literatura nos trópicos*.

Lélia Gonzalez criticava o centramento do modernismo brasileiro na imagem do indígena, herança recebida pelo romantismo brasileiro do romantismo europeu que, por sua vez, privilegiava heróis da Idade Média. Lélia encorajava Silviano a complementar seus estudos ligados ao vírus do discurso colonial português injetando nessa tarefa um outro objeto: o escravo africano. A professora ativista lembrava ao crítico que no cotidiano brasileiro temos uma África, presente, por exemplo, nos sambas, na estrutura do candomblé e da macumba. Lélia dizia ser impossível negar a dinâmica das trocas, dos contatos culturais. Relevando-se um pensador contemporâneo, atento às dinâmicas políticas das minorias na atualidade, escreve Silviano:

uma das grandes questões colocadas no momento em que Lélia se expressa é a da *democratização* do Brasil após um longo período de autoritarismo militar. Os grupos étnicos excluídos do processo civilizatório ocidental passam também a exigir alterações significativas e participativas no que é dado como representativo da *tradição erudita e branca* brasileira ou no que é dado como a mais alta conquista da humanidade, a democracia representativa. Os excluídos exigem, por um lado, autonomia cultural e, pelo outro, inclusão. (...) Lélia lança o sentido do movimento afro-brasileiro por clamor que se fez mais urgente a cada década no Brasil (...) (Santiago, 2023, s/p).

Nesse sentido, o intelectual destaca a importância de haver um “recuo pedagógico” da escola tradicional almejando a incorporação de valores culturais étnicos mantidos

apenas no âmbito da vida privada de descendentes africanos (e mesmo indígenas). Esses valores deveriam ser apreendidos, trabalhados e apresentados como representantes dos cidadãos brasileiros.

Silviano conclui o texto assinalando a importância da influência de Lélia Gonzalez em seu pensamento, ao deixar para trás o paradigma da “formação nacional”, e buscar atualizar a noção de “inserção da linguagem-Brasil em contexto internacional”, proposta por Hélio Oiticica, no texto chamado “Brasil diarreia”, publicado em 1973, na revista *Arte brasileira hoje*.

Lima, Machado e Baldwin

Em *Vale quanto pesa*, Silviano estabelece a importante leitura inaugural do livro *A cor da pele*, de Adão Ventura, poeta negro mineiro, totalmente desconhecido naquela ocasião. Apresenta também análise inovadora do escritor carioca negro Lima Barreto, apresentando pela primeira vez na crítica nacional uma abordagem sobre a contribuição da forma da produção do escritor para a literatura brasileira. Segundo Silviano, em depoimento a Barile: “A revisão do cânone literário incluía novos, sim. Mas também novas formas de ver o novo e a própria tradição. Enfim, o livro tem uma visão rebelde e inovadora, relacionando, de forma única, cultura e política.” (Barile, 2025, p. 298)

No ensaio “Uma ferroada no peito do pé”, Silviano nota que, entre todos os romances escritos por Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma* apresenta-se como o de composição ficcional mais arrojada. Para o crítico, o texto mostra-se dotado de qualidade e originalidade: “A posição isolada e intrigante de Lima Barreto explica-se pelo fato de ter ele assumido uma estética popular numa literatura como a brasileira, em que os critérios de legitimação do produto ficcional foram sempre os dados pela leitura erudita. (Santiago, 1982, p. 166)”.

O crítico assinala que o texto de Lima Barreto ganha muito ao ser relacionado intertextualmente a outras obras, inclusive pelo fato de o autor desmetaforizar diversas imagens ufanistas relativas ao Brasil e presentes em discursos anteriores, como a que se encontra na palavra “semente”. Em Barreto, semente é semente mesmo, não a semente presente, por exemplo, na Carta de Caminha. *Triste fim de Policarpo Quaresma* marcaria um ponto nevrálgico – e ambíguo – na leitura do discurso sociocultural feita no Brasil

desde a Carta inaugural. Residiria aí o maior traço de modernidade presente na criação do escritor: “a escrita ficcional subscreve o discurso histórico-nacionalista e ufanista, e ao mesmo tempo o rejeita, julgando-o, criticando-o como ilusório (Santiago, 1982, p. 175)”.

Em *Machado*, de 2016, Silviano irá recuperar a estratégia narrativa utilizada anteriormente nos livros *Em liberdade* e *Viagem ao México*, quando se insere no corpo do texto e escreve sobre si e sobre a literatura por meio da imagem do outro; nestes dois casos, tratando de Graciliano Ramos e Artaut. Assim, na composição da autoficção, articula o biográfico com o autobiográfico. Desse modo, erige uma linhagem literária da qual se torna herdeiro e pretende fazê-la sobreviver. Na elaboração de *Machado*, além da escrita sobre si e sobre literatura, há, ao lado da figura de Machado de Assis, a presença de outros escritores dos séculos XIX e XX. Entre esses, ressalta-se Joaquim Nabuco, amigo que, ao lado de Machado, defende a abolição da escravatura:

No palco da literatura, os gestos sugestivos e silenciosos do mímico africano maquiado de branco, se transportados para o palanque da praça pública e da Câmara, se expressariam pela fala aberta e clara do político branco a defender a alforria dos escravos africanos. Os sinais mais evidentes da complementação dos gestos de Machado pelas palavras de Nabuco, das vidas de Machado e de Nabuco pelo respectivo projeto literário e político, se localizam nos primeiros anos da década de 1880 (Santiago, 2016, p. 390).

Em Silviano, nota-se um absoluto esmero no trabalho de memória, por meio de estudos, pesquisas em arquivos, da montagem de equipe com pesquisadores da área. A montagem se faz mesclando dados factuais a fabulações, elementos subjetivos a aspectos trágicos da história do país – como a escravidão –, passagens relacionando epilepsia e linguagem literária, facilidades ou dificuldades que brasileiros encontram devido à cor de sua pele. Dono de grande erudição, em certos momentos, o texto abre-se tanto a detalhes da história nacional quanto a linhas de fuga em que passamos a conhecer melhor, por exemplo, passagens não da vida do protagonista, mas de Joaquim Nabuco, em certo sentido, um duplo do outro Joaquim, o Maria Machado de Assis. *Machado*, de forma inovadora, mescla vários gêneros literários e discursivos e nos faz refletir, inclusive, sobre o processo de criação, sobre a metalinguagem, sobre o modo de recepção do escritor periférico em relação à literatura hegemônica europeia: “Machado de Assis tem na biblioteca tudo o que Gustave Flaubert e Stendhal publicaram no século XIX (Santiago,

2016, p. 279)”. Importa-nos pensar sobre o modo como o brasileiro vai rearticular essas heranças ligando-as à sua experiência tropical.

Seguindo nossa trilha, trazemos agora breves comentários a respeito do ensaio escrito por Silviano sobre o livro *Terra estranha*, a terceira e talvez mais audaciosa produção de James Baldwin. O texto articula a vida do escritor negro e homossexual norte-americano à sua diferencial criação literária. Para o crítico, em Baldwin, o substantivo “escritor” irá, sempre, padecer de dois adjetivos impertinentes que brigam entre si, seja na tradição religiosa africana, seja na tradição artística europeia. Os adjetivos irão desestabilizar o substantivo qualificador, tanto na vida pública quanto privada: “romancista negro e gay (Santiago, 2018, p. 510)”.

Em seus argumentos, o ensaísta retoma conversa entre Gilles Deleuze e Michel Foucault, publicada na revista *L’Arc*, em 1972, intitulada de “O intelectual e o poder”. Deleuze e Foucault propõem a utilização das regras do vôlei como uma forma de organização social a ser criada por novos cidadãos e cidadãs. O modelo lembra tanto a ideia de polifonia, pensada por Bakhtin, quanto a linguagem do jazz, com os revezamentos de improvisos entre os músicos. Mas traz suas peculiaridades. O rodízio passaria a orientar as figuras que estão atuando e comandaria suas atuações. Não há lugar definitivo e autônomo para os jogadores pois a atuação se faz modo coletivo com os “atores” seguindo as regras estabelecidas. Com a “roda”, cada um desempenha seu papel a partir de sua função em determinado momento e posição:

Não há lugar único de fala e de atuação do personagem na pequena obra-prima de James Baldwin. A lição nos é dada pelo modo como o romance passa a ser composto. É-nos dada no momento em que se afirma a luta em favor dos direitos civis do negro e do direito dos gays, lésbicas e transgêneros à liberdade. A conversa entre os papéis e as funções – vale dizer, entre os personagens do romance – se dramatiza em rodízio e é a regra do movimento lúdico e interno que controla o périplo diário, altissonante e reivindicativo da fala multiétnica e multicultural e da sexualidade das personagens (Santiago, 2018, p. 520).

Cabe, aqui, lembrarmos-nos – em diálogo com o modelo do jogo do vôlei – do conceito de interseccionalidade, desenvolvido por Lélia Gonzalez a partir de um prisma brasileiro – em especial em relação ao debate sobre o feminismo negro. O conceito articula as noções de raça, classe e gênero e configura-se como modo fundamental de se pensar as lutas das minorias da contemporaneidade (cf. Gonzalez, 2020).

Minas negras: de Aleijadinho a Adão Ventura

Nesta sessão do trabalho, iremos focar, de modo também panorâmico, investigações realizadas por Silviano em relação a artistas e poetas mineiros que trazem, de diferentes modos, diálogos com a cultura afro-brasileira, com seus traumas e potencialidades. Comentaremos, inicialmente, o prefácio escrito por Silviano para o livro sobre Aleijadinho. Em seguida, abordaremos um livro e dois prefácios do crítico sobre a produção de Carlos Drummond e fecharemos a sessão com pequenas avaliações a respeito de ensaios do autor sobre Milton Nascimento e Adão Ventura.

O prefácio “Aleijadinho, Bretas e os poetas modernistas (1927-1930)” foi escrito para o livro *Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, distinto escultor mineiro, mais conhecido pelo apelido de Aleijadinho*, de 2013, bonito trabalho da Editora UFMG que mescla o artigo de Rodrigo José Ferreira Bretas – publicado inicialmente em 1858 em jornal de Ouro Preto – e várias fotografias sobre a obra do escultor. O texto revela importantes dados a respeito do artista barroco e de seus estudiosos, incluindo Mário de Andrade e Manuel Bandeira. Cita a colaboração de Drummond ao ensaio publicado pelo poeta paulista sobre o artista. Mostra a mudança de perspectiva pela qual passa Drummond a respeito de Aleijadinho, após intervenções de Mário. Temos notícias do grupo modernista que participará da criação do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), posteriormente IPHAN, do qual está ausente Oswald de Andrade. O autor da importante biografia sobre Aleijadinho era bisavô do intelectual mineiro Rodrigo Melo Franco de Andrade, este, amigo de todos os modernistas e grande defensor do patrimônio histórico e cultural brasileiro. Silviano assinala que o ensaio escrito por Mário de Andrade, em 1928, intitulado “O Aleijadinho”, presente no livro *Aspectos das artes plásticas no Brasil* e influenciado pelo artigo de Bretas, contribuiu para o aparecimento de diversos estudos sobre o artista mineiro. Na parte final do prefácio, Silviano retoma algumas passagens do artigo de Mário, entre elas, algumas referentes ao fato de o escultor ser “mulato”. Na sociedade colonial, o “mulato”, grupo racial a que pertencia Aleijadinho, exercia o papel de “homem livre na ordem escravocrata (Santiago, 2013, p. 30)”. Ele e outros “mulatos” geniais do período brilham tanto nas artes plásticas quanto nas artes musicais do país. Para Mário, Aleijadinho, mais que um nacional, era um mestiço que profetizou a característica central da criação artística do país, a partir da traição de padrões europeus e da utilização da perspectiva local,

inclusive pelo uso da pedra sabão presente nas montanhas mineiras. Mário de Andrade assinala: “O Brasil deu nele o seu maior engenho artístico, eu creio. Uma grande manifestação humana. (...) Era de todos, o único que se poderá dizer nacional, pela originalidade de suas soluções (Andrade, 1975, p. 45)”.

Em 1976, Silviano publica *Carlos Drummond de Andrade: circulação do poema sem poeta*, livro que será reeditado em 2026. O trabalho relê obras fundamentais de críticos brasileiros sobre Drummond, traz fortes marcas da filosofia pós-estruturalista e da psicanálise freudiana. A publicação da segunda edição, cinquenta anos após a primeira, desperta novos sentidos ao texto, por meio de sua inserção entre abordagens mais contemporâneas sobre o poeta.

Vamos nos deter na longa análise realizada por Silviano sobre a relação entre a ilha de Drummond, na casa patriarcal, e a ilha de Robinson Crusoé, de Daniel Defoe. No poema “Infância”, de *Alguma poesia* (Andrade, 2002, p.6), livro inaugural do poeta, publicado em 1930, imersa na leitura, a criança esquece-se de si. Na primeira estrofe, ocorre uma mescla entre a exclusão do contexto familiar, “branco” e a fuga para a ilha da leitura. Há uma comunhão entre menino e personagem, entre leitor e livro. Na segunda estrofe, o menino é despertado da leitura – e da condição de “náufrago”, como Robinson Crusoé – pela voz emitida pela preta velha e também pelo cheiro do café também preto que o leva novamente à realidade onde há bastantes traços em comum com aquela vislumbrada no livro.

Seguindo a análise, Silviano avalia que o silêncio presente no espaço branco da fazenda liga-se ao silêncio do meio-dia branco; já o acolhimento experimentado durante leitura, liga-se à companhia da cozinheira preta velha. Esta traz aos ouvidos da criança uma ternura ausente na leitura silenciosa: “uma voz que aprendeu/ a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu (Andrade, 2002a, p. 6)”. Assim, o deleite alcançado na leitura encontra seu homólogo no prazer proporcionado pelo “café gostoso/ café preto, café bom/ que nem a preta velha (Andrade, 2002a, p. 6)”. Portanto, o menino vivia em duplo ambiente paradisíaco propiciado pela leitura e pela canção vinda da voz da negra, pela aventura no universo ficcional e pelo sabor do café. Assim, diante do espaço branco da casa e da família patriarcal, reina o espaço da exclusão, relacionado à literatura, à

negra, ao café. Nesse lugar, o poeta-criança encontra abertura imaginativa, afeto e começa a desenvolver sua autonomia.¹ Para Silviano:

Tanto o café quanto a canção encantam o menino pela generosidade, pelo desprendimento, pela devoção e ternura que significam, enquanto seus familiares se entregam a atitudes individualizantes que os encerram em compartimentos estanques. (Santiago, 2026, p. 52)

Torna-se importante salientar que, no livro, Silviano transita com tranquilidade por diversos estudos sobre Drummond, obras literárias estrangeiras, crítica literária, filosófica, psicanálise, etc. Mas o texto apresenta ao leitor um dado que não encontramos com facilidade em produções mais recentes, mais centradas, talvez, na crítica cultural: em *Circulação do poema sem poeta*, a análise literária de cunho mais detido e formal, com amplo recurso à imaginação ganha lugar de destaque, ao lado de outras investigações crítico-teóricas.

Ao avaliarmos a análise empreendida por Silviano, lembramo-nos do conceito de “Pretuguês”, proposto por Lélia Gonzalez. Para a pensadora, a presença negra na alteração da língua é um importante exemplo da presença cultural africana no Brasil e revela uma marcante forma de resistência ao racismo. Nesse sentido, importam não apenas palavras de origem africana presentes no vocabulário do Português no Brasil, mas também os ritmos, as entonações, as supressões de consoantes, as formas lexicais, elementos vindos de línguas africanas como bantu, quimbundo, entre outras.

A mulher negra escravizada, chamada de mãe preta, que criava os filhos dos homens e mulheres de posse, fazendeiros, etc, transmitia, pela modalidade oral, palavras, saberes, costumes ancestrais. Desse modo, contribuiu sobremaneira para a transformação da língua portuguesa oficial e para a constituição da cultura do país. Segundo Lélia:

Não podemos deixar de levar em consideração que existem variações quanto às formas de resistência. E uma delas é a chamada “resistência passiva”. A nosso ver, a mãe preta e o pai-joão, com suas histórias, criaram uma espécie de “romance familiar” que teve uma importância fundamental na formação dos valores e crenças do povo, do nosso Volksgeist. Conscientemente ou não, passaram para o brasileiro “branco” as categorias das culturas africanas de que eram

¹ Siá Maria, mulher sábia, cuidadosa e cúmplice do menino antigo, aparece diversas vezes na obra drummondiana. Além de “Infância”, em nossas pesquisas, encontramos referências à personagem nos poemas “O diabo na escada”, “Higiene corporal”, “O preparado”, “A separação das casas” e “Anjo guerreiro”, todos de *Boitempo*; na crônica “O céu da boca”, de *A bolsa & a vida* e na crônica “Vila de utopia”, de *Confissões de Minas* (cf. Andrade, 2002a).

representantes. Mais precisamente, coube à mãe preta, enquanto sujeito, suposto saber, a africanização do português falado no Brasil (o “pretuguês”, como dizem os africanos lusófonos) e, consequentemente, a própria africanização da cultura brasileira (Gonzalez, 2020, p. 47).

Impressionante a lucidez, a clareza e a inteligência de Lélia Gonzalez na avaliação da história sociocultural do país e de seus homens negros, suas mulheres negras. A intelectual ocupa, certamente, lugar importante entre grandes intérpretes do Brasil, incluindo poetas e escritores de destaque do passado e do presente.

No prefácio intitulado “Suas cartas, nossas cartas”, escrito para o livro *Carlos e Mário: correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*, publicado em 2002, percebemos também o alargamento dos estudos literários para além do texto poético-ficcional. As pesquisas em arquivos literários ganham preponderância e permitem um maior conhecimento de projetos poéticos e políticos – inclusive educacionais – dos autores, do contexto sociocultural, de passagens da vida íntima que de certa forma contribuem para a escrita. O crítico assinala que Mário influencia Carlos, mas o discípulo também irá influenciar o mestre. Por meio das cartas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond, abrem-se novos horizontes para a compreensão mais profunda dos trajetos dos autores que se conheceram em 1924, em Belo Horizonte, quando da passagem da chamada Caravana Paulista às cidades históricas e à capital de Minas Gerais. No mesmo ano, iniciam-se as correspondências entre os amigos. Silviano analisa cuidadosamente as cartas e, por meio delas, a produção literária dos autores; articula reflexões sobre a identidade cultural do país almejada pelos modernistas, lembra da moça negra que dançava bonito no carnaval carioca, analisa a descoberta de Aleijadinho e a importância do barroco mineiro para o projeto moderno, aborda a chamada “Moléstia de Nabuco”, nome dado por Mário de Andrade a “uma doença tropical transmitida aos jovens pelo bacilo das ninfas europeias (Santiago, 2006, p. 75)”. Mário convida Drummond a esquecer tanto o brasileiro europeizado Joaquim Nabuco quanto o europeu “antiquado” Anatole France, na busca por um “abrasileiramento do Brasil”.

Na análise das cartas, Silviano sinaliza que o ponto de ligação entre a cultura europeia e as não-europeias, entre a tradição europeia existente no Brasil e a tradição popular brasileira, deveria se dar pelo que se denominava “primitivismo”. O crítico convida para alicerçar seus argumentos Antonio Candido. Este, “embora tímido no tocante à desconstrução do eurocentrismo, observa com acuidade a troca de referências

proposta pelos modernistas (Santiago, 2006, p. 75)”. Candido, brilhantemente, observa que no Brasil as culturas primitivas que as vanguardas europeias haviam importado da África, da Oceania, eram presenças comuns no cotidiano ou nas reminiscências de um passado recente do país. Nesse sentido, os autores modernistas encontrariam a influência europeia por meio de um mergulho na realidade nacional. Silviano cita Candido para quem, a partir do modernismo, “O mulato e o negro são definitivamente incorporados como temas de estudo, inspiração, exemplo. O primitivismo é agora fonte de beleza e não mais empecilho à elaboração da cultura (Santiago, 2006, p. 76)”.

O prefácio “Convite à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade”, publicado, em 2006, no livro *Ora (direis) puxar conversa!*, refere-se à segunda versão, com poucas alterações, do mesmo texto publicado na introdução do livro *Poesia Completa*, de Carlos Drummond, da Editora Nova Aguilar, em 2002. O ensaio traz ecos e amplia discussões de *Circulação do poema sem poeta*, tratado anteriormente. O texto, de grande fôlego e visão tanto macro quanto micro, ligados à obra drummondiana, aponta para duas fases da poética do autor: a primeira, ligada à noção “robsoniana”, ocorre quando o sujeito lírico, *gauche*, se rebela contra os valores familiares, o conservadorismo social e patriarcal, os critérios estéticos tradicionais e demonstra a incomunicabilidade entre familiares buscando erigir sua ilha; a segunda, denominada de “proustiana”, trata dos três livros de *Boitempo*, do retorno, pela memória, à casa paterna, a Itabira.

Nesta segunda fase, o sujeito poético almeja reencontrar, conhecer melhor, de modo humilde e respeitoso, a vida daqueles que habitavam a grande casa itabirana e as casas das fazendas. Agora, não se busca o vasto mundo, a fraternidade universal, mas sim o espaço doméstico. O poeta retorna, sente-se pertencente ao núcleo familiar, um semelhante. Ao mesmo tempo, acreditamos haver uma maior consciência de seus privilégios de classe e mesmo e de raça, de sua branquitude. Pensamos que o retorno, antes de funcionar como um enquadramento tardio ao antigo, contribui também para revelar os desmandos patriarcais, a tragédia da escravidão, a exploração do outro, do trabalhador, do negro e da negra, etc.

A voz lírica mostra-se sempre meio deslocada na intimidade familiar revisitada pela lembrança. Além disso, a obra *Boitempo* – que foi mal recebida pela crítica devido à sua linguagem menos desconstrutora, ao lugar que ocupa como filho de família aristocrática – poderia estar realizando, pelo avesso, de modo anacrônico, uma pesada crítica aos

desmandos dos poderosos ligados à ditadura militar, tanto militares quanto altos empresários.

Ao final do ensaio, Silviano contribui para nossa leitura: “Ao se propor como estranho ímpar em *Boitempo*, o poeta, na verdade, está desconstruindo o alegado conservadorismo que estava sendo fundado pela sua poesia memorialista (Santiago, 2006, p. 55)”.

“Las botas e el anylo de Zapatta”, ensaio escrito em Buffalo, Estados Unidos, em fevereiro de 1973 e publicado no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, em 07 de abril de 1973, trata do lançamento, no ano anterior, do fundamental álbum *Clube da Esquina*. Aponta, assim como também fará nos trabalhos sobre Caetano Veloso e Chico Buarque, a abertura para o estudo de objetos múltiplos, aliando, no caso, literatura e outras artes. O texto não aparece em livros do autor e traz, portanto, certo grau de ineditismo. Logo no primeiro parágrafo, é dada voz ao cantor que assinala ser o nome Clube da Esquina uma homenagem a uma famosa esquina ao bairro Santa Teresa, em Belo Horizonte, localizada no cruzamento entre as ruas Divinópolis e Paraisópolis. Ali, Lô Borges ficava deitado, olhando para a lua e tocando violão para os jovens da vizinhança. O clube configura-se, portanto, como espaço aberto, público, gratuito, lugar de canto, convivência e amizade. Após citar Guimarães Rosa, Carlos Drummond e Autran Dourado, assinala Silviano: “Com o receio de ser enigmático, direi que falar de mineiro é se colocar um passo-atrás para poder se compreender porque se está dando um passo-para-depois antes dos que acreditam que o deram (Santiago, 1973, p. 1).

Em seguida, o ensaísta debruça-se sobre dois termos (Clube” e “Esquina”) e, a partir daí, estabelece ricas reflexões sobre as músicas, as letras e a interpretação de Bituca, cantor magistral que reuniu em torno de si talentosos jovens artistas: Lô e Márcio Borges, Fernando Brant, Ronaldo Bastos, Beto Guedes, Toninho Horta, Tavinho Moura. Estabelece paralelos entre as composições e trabalhos de escritores e poetas mineiros, como Drummond e Rosa, Affonso Romano de Sant’Anna, Afonso Ávila, Cyro dos Anjos e Alphonsus de Guimarães.

São elencadas e comentadas canções de Milton – a começar por “Canção amiga”, de Milton e Drummond, que não figura no álbum, seguidas de modo não linear por “Tudo que você podia ser”, “Cais”, “O trem azul”, “Saídas e bandeiras n.1”, “Nuvem cigana”,

“Dos cruces”, “Um girassol da cor de seu cabelo”, “San Vicente”, “Clube da esquina n. 2”.

Para Silviano, a palavra “estrada” apresenta múltiplos sentidos nas letras do Clube da Esquina. É estrada mesmo, rio, saveiro, trem azul, o trem mesmo, o mar, o cais. É o lugar por onde se deseja partir: “E é nas estradas também que se passa o ritual e o drama desse *eu* (estranho eu, tão coletivo e tão pessoal) (Santiago, 1973, p. 2)”. Na estrada se dança, nela, o “eu” precisa se definir. Escreve o autor:

É na estrada, nesse grande redemoinho da vida, que vão se afirmando os mineiros: “tudo o que você podia ser na estrada”. Mas tomemos as devidas precauções para não se pensar que a estrada apenas existe em termos de realidade-imediata. Ela existe antes de mais nada como lugar da fuga (real, sonhada, ideal, etc), e ainda como o lugar do encontro (Santiago, 1973, p. 2).

O texto suscita reflexões a respeito das letras, da identidade mineira, da noção de simulacro, do “grão da voz”, inclusive como cantada pelo rádio: “Essa voz, pura imaterialidade, cria raízes tão profundas no ouvinte, que passa a existir como sua própria realidade, como o fim mesmo dos seus desejos (Santiago, 1973, p. 2)”. Ao final do ensaio, são citados e comentados novos trechos de entrevista de Milton à revista *Bondinho* número 37. Em certo momento, Milton diz que como não havia nada para ver em Três Pontas, não chegava nada à cidade, ele ouvia rádio e a partir dali imaginou seu destino de ser artista a seguir pela estrada musical até onde o povo está. Na entrevista, Bituca diz que está querendo ir à África e Silviano cita trecho em que o cantor e compositor fala, de modo sofrido e magoado, sobre o preconceito, o racismo que sofreu: “Por causa do problema (da cor) eu não podia cantar no clube (de Três Pontas), então tinha de ficar de madrugada do lado de fora, para poder ouvir quando tinha alguma orquestra tocando (Santiago, 1973, p. 2)”.

Após a fala ferida do maior cantor do Brasil, um dos maiores inventores do mundo, Silviano retoma o título do álbum e pontua que “clube da esquina” seria esse clube sem portas, janelas, mesas, cadeiras, sem dentro e fora, onde músicos e plateia trocam de posições, onde há amizade, entrega, troca, desejo de se libertar, de se soltar. Conclui o ensaísta: “Nesse Clube da Esquina, ‘sem tamanho’ e sem fechos, como os pastos do sertão, Milton se realiza humana e musicalmente.” (SANTIAGO, 1973, p. 2)

Em 1981, Silviano publica no “Folhetim” da *Folha de S. Paulo*, o ensaio “A cor da pele”, título homônimo ao livro de Adão Ventura publicado no ano anterior. O texto foi

incluído em *Vale quanto pesa*, de 1982 e em *A cor da pele: poesia reunida*, livro organizado por Fabrício Marques em 2025.

O crítico inicia o texto dizendo que, à primeira vista, o livro de Adão Ventura foge à vertente modernista que trata da poesia negra. Não aparecem, no trabalho de Ventura, referências concretas a respeito de cultos africanos ou afro-brasileiros e nem transcrições fonéticas – segundo Silviano, “um pouco ridículas” – sobre a fala do negro. Assim, o livro diferencia-se, por exemplo, de publicações de Jorge de Lima ou Raul Bopp e revela ser de outra categoria de poesia negra. Nesse sentido, estabelece diálogo com a produção de outros autores e autoras negras que, felizmente, tem sido mais profícua nos últimos anos.

Silviano vincula o trabalho de Ventura – sem excluir o paradoxo – à tradição ocidental da poesia negra que foi levada à classe de soberana por Cruz e Souza: “Cruz e Souza e Adão fazem legítima poesia ao mesmo tempo que fazem excelente poesia negra. Isto porque o elemento negro no poema não é produto de ornamentação vocabular, o que apenas denotaria certo exotismo tão ao gosto de poetas de linha romântica (Santiago, 2025, p. 298)”, dado que termina por originar, segundo Oswald de Andrade, em crítica a Cassiano Ricardo, a ideia de “macumba pra turista”.

Na criação de Adão Ventura – neste caso, composta por curtos poemas –, assim como na de Cruz e Souza, o drama negro reflete-se na poesia que porta, em termos emocionais, grande tensão. Há, no livro, reflexão e convite para que o leitor desperte tanto a consciência crítica, quanto a revolta em relação à barbárie relacionada à situação dos negros no Brasil, desde a colonização até a atualidade:

A originalidade da poesia de Adão advém do sentimento da cor da pele. A cor da pele: algo de pessoal e intransferível, e ao mesmo tempo algo de coletivo e histórico. O homem se descobre negro na tessitura da pele, e nesta vê as marcas da escravidão e do degredo, e sente os sofrimentos e a Mãe África. Vale dizer: descobre a história da escravidão e a comunidade dos escravos (Santiago, 2025, p. 298).

O poeta propõe que o negro assuma sua alma negra, sem as máscaras dos valores brancos e se transforme naquilo que é a sua pele, “buscando assim uma identidade que escapa às pressões da sociedade cordial (Santiago, 2025, p. 302).

Arremate em aberto

Neste texto, escrito de forma panorâmica e pensado como uma exposição a ser visitada pelo leitor e leitora, apresentamos excertos e passagens da grande obra de Silviano. Ao levantarmos pontos da escrita de do autor relativos à temática afro-brasileira, visamos, também, despertar a leitura completa dos ensaios e assim contribuir para a disseminação do trabalho cuidadoso, sério, dotado de cuidado ético e estético do intelectual. Um importante crítico literário é aquele que, com sua obra, consegue alterar os modos de leitura da produção artístico-intelectual de um país. Silviano cumpre bem esse papel. Um aspecto que consideramos importante ressaltar na trajetória de Silviano é o fato de que, em seu percurso intelectual, ter sido fundamental, além da densa formação acadêmica, das experiências no exterior e no cotidiano brasileiro, as conversas, os encontros, as sugestões de leituras de amigos e amigas.

Por meio dos produções relativas ao corpo, à memória, à resistência, à criatividade de negros e negras brasileiros, percebe-se que o pensamento de Silviano Santiago abre caminhos para novos estudos, abre frestas para lutas contra a discriminação, abre janelas para um maior entendimento das não minorias a respeito de seus privilégios. Os ensaios mostram-se atentos à peculiaridade da linguagem artístico-literária e ao tecido social do país, desvelando a importância da educação estético-cultural para um maior cuidado com o mundo ao redor.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Vinícius Nicastro Honesko (Trad.). Chapecó, SC: Argos, 2009.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos e Mário: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade*. FROTA, Lélia Coelho (Org.); SANTIAGO, Silviano (Apresentação, notas e prefácio). Rio de Janeiro: Bem-te-vi Produções Literárias, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. TELES, Gilberto Mendonça (Fixação de textos e notas); SANTIAGO, Silviano (Introdução). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002a.

ANDRADE, Mário de. O Aleijadinho. *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1975.

ANDRADE, Oswald. *Pau-Brasil*. CAMPOS, Haroldo de (Fixação de textos e notas). São Paulo: Globo; Secretaria de Estado da Cultura, 1990 (Obras completas de Oswald de Andrade).

ANDRADE, Oswald de. *Ponta de lança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, p. 62.

BANDEIRA, Manuel. *Antologia poética*. 10ª. Edição. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

BARILE, João Pombo. *Presente do acaso: um ensaio biográfico sobre Silviano Santiago*. Belo Horizonte: Autêntica, 2025.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

SANTIAGO, Silviano. Adão Ventura. In: MARQUES, Fabrício (Org.) *A cor da pele: poesia reunida*. São Paulo: Círculo de poemas, 2025.

SANTIAGO, Silviano. Aleijadinho, Bretas e os poetas modernistas (1927-1930). In: BRETAS, Rodrigo José Ferreira. *Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, distinto escultor mineiro, mais conhecido pelo apelido de Aleijadinho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

SANTIAGO, Silviano. A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial – um depoimento. *Blog BVPS – Biblioteca Virtual do Pensamento Social*, 2023. Disponível em: <https://blogbvps.com/2023/06/20/a-literatura-brasileira-da-perspectiva-pos-colonial-um-depoimento-por-silviano-santiago/> Acesso em 05 de julho de 2023.

SANTIAGO, Silviano. *Circulação do poema sem poeta*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2026.

SANTIAGO, Silviano. *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

SANTIAGO, Silviano (Coord, seleção e prefácio). *Intérpretes do Brasil*. Vol. I. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 2002.

SANTIAGO, Silviano. Las botas e el anylo de Zapatta. Belo Horizonte: *Suplemento Literário do Minas Gerais*, 07 de abril de 1973.

SANTIAGO, Silviano. *Machado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SANTIAGO, Silviano. Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil. *Alceu: Revista de Comunicação, cultura e política*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, v. 5, n. 10, p. 5-17, jan./jun. 2005.

SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SANTIAGO, Silviano. Milton Nascimento (Las botas e el anylo de Zapatta). Belo Horizonte: *Suplemento literário do Minas Gerais*. Sábado, 07 de abril de 1973.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002a.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. *Uma literatura nos trópicos*: ensaios sobre dependência cultural. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTIAGO, Silviano. *Ora (direis) puxar conversa!* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

SANTIAGO, Silviano. *Uma história de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*: ensaios sobre questões político-cultuais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.